

A CIDADE COMO ACERVO - AÇÕES DE UMA DOCUMENTAÇÃO COLABORATIVA: O CASO DO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO.

ANDRÉA CUNHA MESSIAS¹; MÁRCIO DILMANN DE CARVALHO²
GIOVANI VAHL MATTHIES³ GILSON BARBOZA⁴ MARIANA BOUJADI
MARIANO DA SILVA⁵; DIEGO LEMOS RIBEIRO⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas – andreacmessias@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – marciomdc@yahoo.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas – giovanivahlmatthies@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – gbsom1@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – mariana.boujadi@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados das ações extensionistas, da área da cultura, realizadas no Museu Histórico de Morro Redondo – RS no contexto da 11ª Primavera de Museus, cuja temática foi “Museus e suas histórias”. Na ocasião, extrapolamos os muros do museu e nos apropriamos do entorno da Instituição, onde a paisagem cultural e a biografia de importantes referenciais de memória da localidade foram transformados em palco de diálogos, envolvendo turistas e moradores do município.

As atividades foram planejadas conjuntamente com a equipe do Projeto de Extensão “Museu Morro-Redondense: Espaço de Memórias e Identidades” e representantes da Associação de Amigos da Cultura da cidade. Contou, igualmente, com a parceria de moradores e visitantes que estavam presentes na Festa das Cores, Sabores e Amores – organizada pelo Roteiro Turístico Morro de Amores. De modo cooperativo, contando com uma equipe interdisciplinar, com diferentes formações e experiências, buscou-se incentivar a interação entre as comunidades e o Museu, através das narrativas sobre importantes lugares de memória existentes nas proximidades da Instituição, mais especificamente, no entorno da Praça 12 de Maio - palco da Festa.

Quatro momentos foram planejados para o desenvolvimento das ações: a criação de QR Code sobre os lugares de memórias; a confecção de material gráfico ilustrado para compor uma placa fixada nos locais visitados; a construção coletiva de memórias utilizando a página do Museu enquanto ferramenta e a caminhada intergeracional para a construção memorial da biografia dos pontos trabalhados, tendo em vista que: “(...) é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o espírito do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível” (ICOMOS, 2008).

Perceber a paisagem do entorno da Praça 12 de Maio, enquanto cultura material, permite dizer que ela pode oferecer informações sobre os modos de vida das pessoas e sobre inúmeros aspectos da Cidade. Para além dos aspectos físicos das casas, da praça, do colégio, da igreja e dos antigos salões de baile, existe uma enorme gama de significados simbólicos que foram registrados através um processo de documentação colaborativa com os participantes da

caminhada e com as contribuições dos visitantes da página do Museu no Facebook¹.

Este trabalho cooperativo entre a equipe envolvida no projeto de extensão e a comunidade local é de fundamental importância para a formação de todos os estudantes envolvidos, por possibilitar esta aproximação com a comunidade e possibilitar o exercício empírico de uma vivência museológica baseada na troca de experiências e no diálogo. As atividades realizadas pelo Museu modificaram as relações sociais existentes entre os morroredondenses e o MHMR aproximando as diversas comunidades e intensificando as trocas de saberes entre o Museu e os moradores.

2. DESENVOLVIMENTO

A biografia dos lugares de memória² existentes na paisagem dos arredores do Museu e sua significação simbólica baseou-se na busca de relatos orais com os moradores locais; com os depoimentos dos visitantes do perfil do Museu no Facebook e com os participantes da caminhada intergeracional para a construção memorial da biografia dos pontos trabalhados.

Através de informações captadas pelas propostas ambientadas na página do Museu (Facebook), realizou-se a escolha dos “lugares de memória”. Após a seleção, foi elaborado material visual que exposto em forma de placas, em frente dos locais selecionados, acompanhados com o sistema de informação e identificação por QR Code (Quick Response), que permitiu o acesso ao um vasto espectro semântico sobre os lugares, via celular.

As placas fixadas nos lugares de memórias, serviram de suporte para comunicação da informação³ e permitiram, aos transeuntes, o acesso à informação sobre os usos pretéritos dos lugares, de forma sucinta. Durante as caminhadas, já na presença dos idosos, essas informações ganharam novas camadas de significados e renovadas possibilidades de interação. Os participantes tiveram acesso às mesmas e exploraram novas memórias e lembranças, que foram registradas pelos membros do museu e serviram como subsídios para a documentação participativa, tal como recomenda a Declaração de Quebec (1984) ao afirmar que:

“meios de transmissão não formais (narrativas, rituais, atuações, experiência e práticas tradicionais etc.) e formais (programas educativos, bancos de dados digitais, websites, ferramentas pedagógicas, apresentações multimedia, etc.) deveriam ser fomentados, porque não apenas garantem a proteção do espírito do lugar, mas, acima de tudo, protegem o desenvolvimento sustentável e social da comunidade”.

¹ Endereço da página no Facebook:
<https://www.facebook.com/museuhistorico.demorroredondo>

² Esse conceito foi sistematizado por Pierre Nora. Segundo o autor, sobre os lugares de memória, considera que “Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual”. (NORA, 1993, p.21)

³ Os suportes para as places foram confeccionados em bambu por tratar-se de um material ecologicamente sustentável e por fazer-se presente nas narrativas memoriais sobre a Praça 12 de Maio – quando os tropeiros amarravam os cavalos em abundantes touceiras de bambus existentes no local e partiam para a comercialização das mercadorias e para o descanso.

Baseado nessa premissa, os QR code foram utilizados com o objetivo de favorecer a interação entre diversos públicos com a informação sobre os lugares de memórias existentes no entorno da Praça 12 de Maio. Espera-se que o conteúdo disponibilizado pelo QR seja alimentado pelos usuários e fomentem a construção de uma extensa rede de memórias, tal como acontece com as imagens disponibilizadas na página do Museu no Facebook.

3. RESULTADOS

As ações realizadas caminharam no sentido de demonstrar a ampliação do conceito de patrimônio e de acervo, bem como de evidenciar que as tradicionais operações museológicas de documentação e de aquisição de coleções podem ser vistas por um outro prisma, ao considerarem a construção de memórias sociais em rede.

Inspirados em Candau, compreendemos que os objetos podem funcionar como sociotransmissores e, quando percebidos como tal, contribuem para a transmissão memorial, para a construção de identidades e de memórias sociais (Candau, 2009). Do mesmo modo, ancorados em Peter Van Mensch, partimos da premissa que os marcos urbanos podem ser relevantes mediadores da memória coletiva (Mensch, 2006). Nessa toada, acreditamos que a potencialidade memorial fixada nessas referências urbanas pode ser evocada por intermédio do estímulo do olhar patrimonial; na referida ação, optamos pelo diálogo intergeracional como forma de calibrar o olhar.

Ampliar as ações museológicas para além de aplicações de técnicas está na agenda contemporânea dos profissionais de museus (Santos, 2008). Nesse sentido, por intermédio das atividades desenvolvidas no Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), buscamos reorientar as práticas preservacionistas para além da natureza material dos objetos, tentando compreender as pessoas por detrás dos marcos urbanos – cujas biografias estão fixadas na praça, nas casas, no colégio etc. Ao partilhar essas lembranças, o acervo desencadeia experiências sensoriais que permite que os indivíduos afirmem sua personalidade e serve de sedimento para a integração social (Turgeon, 2007).

Considerando o uso da tecnologia dos QR code para a documentação colaborativa no MHMR, verifica-se que ela tem favorecido a construção de uma rede de memória sobre os lugares existentes na Praça 12 de Maio - primeiro espaço da Cidade no qual foi experimentada esta ferramenta para subsidiar a documentação colaborativa. .

4. AVALIAÇÃO

As ações permitiram perceber que no escopo do trabalho do profissional de museologia vinculado à área da documentação, na qual se busca o tratamento, a recuperação e o cadastro de informações intrínsecas e extrínsecas do objeto, pudemos vislumbrar diversas formas e possibilidades de registro e disseminação de informação que favoreceram a construção de um sistema colaborativo com os públicos.

Durante o processo de construção colaborativa da documentação museológica evidenciou-se também a característica e atribuição do Museu como um agente social e político, ao utilizar-se da relação não hierárquica para potencializar o processo de transformação de informações em conhecimentos transformando, assim, as práticas museológicas que eram tradicionalmente feitas

nos laboratórios assépticos de instituições engessadas em momentos de integração e de amplo convívio social.

Ao vivenciar a experiência da documentação museológica extra-muros, foi permitido expandir a relação entre o Museu e as pessoas presentes na Cidade de forma a beneficiar o processo de trocas de conhecimentos e de desconstrução da imagem de que todo museu é um local sem vida e fechado em si mesmo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1., n.1., jan/jun, 2009.

DE QUEBEC, 1984, Declaração. DECLARAÇÃO DE QUEBEC, PRINCÍPIOS DE BASE DE UMA NOVA MUSEOLOGIA, 1984. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.I.], v. 15, n. 15, june 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/342>>. Acesso em: 05 outubro de. 2014.

ICOM Itália. 2014. “Carta de Siena: Museus e Paisagens Culturais.” Página consultada em 3 de junho de 2016. Disponível em: <http://icom-portugal.org/multimedia/documentos/CartaSiena.pdf>

ICOMOS. Declaração de Québec sobre a preservação do “Spiritu loci”. 2008.

MENSCH, P. V. Notas sobre os arredores: patrimônio e novas tecnologias. **Musas. Revista Brasileira de Museus e Museologia**, 4, 2009, (4): 11-23.

SANTOS, M. C. Encontros Museológicos: reflexões sobre a Museologia, educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.

TURGEON, L. La mémoire de la culture matérielle et la culture matérielle de l'ämémoire. In: DEBARY, O. e TURGEON, L. **Objetts e mémoires**, Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2007, p.13-32.